Produtos animais	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.
Frango	0,79	0,79	0,79	0,79	0,82	0,84
Leite (7)	0,26	0,25	0,25	0,26	0,26	0,27
Lã (7)	26,55	26,84	27,06	27,36	25,86	27,06
Ovos (1)	0,61	0,64	0,7	0,74	0,76	0,82
Mel (7)	5,21	5,16	5,22	5,34	5,26	5,24
Boi magro (6)	217	216	215,6	215,9	213	213,3

Segundo semestre

Produtos vegetais	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Algodão	0,49	0,5	0,51	0,51	0,51	0,52
Amendoim	0,39	0,44	0,47	0,45	0,53	0,51
Arroz	0,2	0,2	0,2	0,21	0,22	0,23
Banana (1)	0,48	0,43	0,42	0,41	0,37	0,33
Batata-inglesa	0,36	0,35	0,32	0,3	0,23	0,22
Cacau (2)	15,37	15,07	15,43	18,23	19,06	19,6
Café	0,83	0,79	0,86	0,86	0,85	0,85
Cana (3)	15,57	15,61	15,7	15,8	15,83	16,04
Feijão	0,62	0,61	0,64	0,66	0,68	0,62
Fumo	2,03	2,02	2,05	2,06	2,07	2,07
Laranja (4)	1,8	1,82	1,97	2	1,94	1,94
Milho	0,14	0,15	0,15	0,15	0,15	0,14
Mandioca (3)	81,61	80,76	80,7	81,79	77,42	79,28
Soja	0,22	0,23	0,25	0,27	0,26	0,26
Tomate	0,36	0,35	0,34	0,3	0,27	0,25
Trigo	0,23	0,22	0,2	0,17	0,16	0,14

Produtos vegetais	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Caju	0,18	0,2	0,18	0,17	0,12	0,16
Cebola	0,16	0,14	0,13	0,25	0,23	0,23
Coco (5)	0,34	0,34	0,35	0,39	0,39	0,38
Juta	0,45	0,4	0,4	0,46	0,4	0,4
Malva	0,41	0,4	0,4	0,43	0,4	0,4
Mamona	0,26	0,26	0,25	0,25	0,23	24
Pimenta	1,44	1,44	1,62	1,62	1,59	1,6
Sisal	0,26	0,27	0,26	0,25	0,28	0,28
Produtos animais						
Bezerro (6)	115,3	116,3	115,3	116,2	115,2	116,2
Burro (6)	384,8	385,86,	398,1	396,1	390,1	395,7
Boi gordo (2)	21,75	22,72	22,88	23,54	23,16	22,88
Vaca leiteira de raça (6)	690,4	695,5	695	691,4	703,5	699,9
Vaca leiteira comum (6)	372,6	373,1	374,9	371	372,1	370,4
Suíno para corte vivo (2)	13,09	13,34	13,36	13,6	14,2	14,9
Frango	0,84	0,83	0,85	0,88	0,89	0,87
Leite (7)	0,27	0,28	0,29	0,28	0,27	0,26
Lã (7)	26,08	26,36	26,01	26,2	26,17	27,73
Ovos (1)	0,85	0,85	0,81	0,76	0,66	0,71
Mel (7)	5,37	5,48	5,65	5,52	5,31	5,19
Boi magro (6)	217,5	219,4	217,4	219,7	219	221

(1) Real/dúzia; (2) Real/15kg; (3) Real/tonelada; (4) Real/cento;
(6) Real/cabeça; (7) Real/litro; (5) Real/unidade;
Fonte: Centro de Estudos Agrícolas/IBRE/FGV.

100 maiores do agribusiness

Joaquim André Villnova

Panorama do setor sucroalcooleiro

Aspectos físicos

O desempenho do setor sucroalcooleiro durante a safra 1996/97, considerado normal pelos produtores e industriais, pode não se repetir no período 1997/98. Os problemas podem surgir em função do fenômeno El Niño, responsável por chuvas intensas nas regiões Sul e Sudeste e secas prolongadas para a região Nordeste.

O plano de safra para o período 1996/97 previa produções totais de 13,7 milhões de toneladas métricas de açúcar, sendo 5,2 milhões para exportação, e 13,9 milhões de metros cúbicos de álcool, sendo 9,7 milhões de hidratado. Os resultados da safra apontaram o cumprimento quase fiel do plano preestabelecido, pois, em decorrência da moagem de 287,8 milhões de toneladas de cana, foram produzidos 13,7 milhões de toneladas métricas de açúcar e 14,4 milhões de metros cúbicos de álcool, que teve um acréscimo de 3% em relação ao estabelecido pela portaria governamental 141 de 11 de junho de 1996.

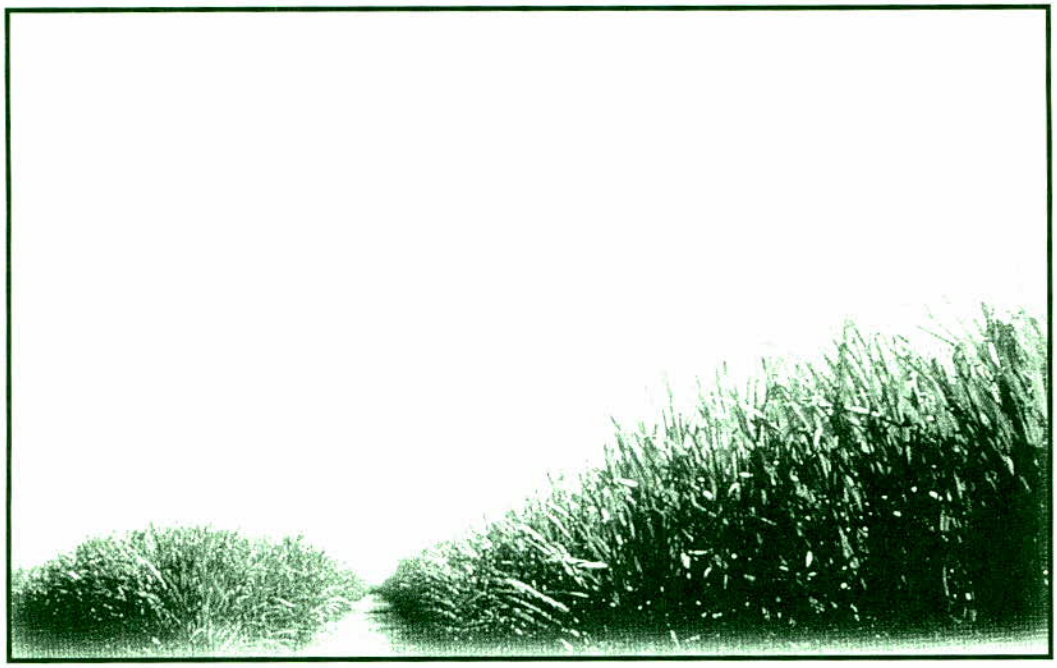
Para a safra 1997/98, o plano elaborado pelo Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo projetou a produção de 13,5 milhões de toneladas métricas de açúcar, das quais 5,4 milhões para exportação, além de 16,7 milhões de metros cúbicos de álcool (10,3 milhões do tipo hidratado), respondendo a região Centro-Sul pela produção de 76% do açúcar e 84% do álcool. Os volumes definidos para a produção de álcool superam em 20% o total estipulado para a safra 1996/97.

O estado de São Paulo questionou a programação governamental, não aceitando os números do MICT. Alega que os volumes programados não expressavam a realidade das unidades produtoras, e que isso influiria no fechamento dos contratos de anidro com as distribuidoras de combustíveis.

Até aqui, está normal o andamento da safra no Centro-Sul. No Nordeste, as unidades estão ainda em início de moagem, quando normalmente a safra sofre um processo de ajustamento.

Em 1998 as exportações brasileiras referentes à cota americana irão diminuir, o que afeta principalmente a região Nordeste. Conforme informações do Sugarmarket-Datanet, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos anunciou que a alocação inicial da cota para açúcar demerara para 1998 será de 1,2 milhão de toneladas métricas, podendo ocorrer alocações iniciais de 200 mil toneladas nos meses de janeiro, março e maio, caso a relação estoque-consumo, divulgada mensalmente pelos relatórios da USDA (*World Agricultural Supply and Demand Estimates - WASDE*), seja menor ou igual a 15,5%.

Comparativamente, a aloca-



ção inicial da cota americana de açúcar demerara para 1997 fora de 1,7 milhão de toneladas métricas, com adicionais de 200 mil toneladas em janeiro, março e maio, tendo sido acionados apenas dois gatilhos, totalizando no ano-safra de 1996/97 2,1 milhões de toneladas.

O USDA estipulou, também para 1998, cotas de importação para açúcar refinado e especial, respectivamente, iguais a 50 mil e 4.656 toneladas métricas.

Aspectos político-institucionais

No plano político, o setor sucroalcooleiro vem, desde a safra 1995/96, procurando ajustar-se às decisões governamentais no que diz respeito à liberação dos preços dos produtos do setor, principalmente álcool anidro em maio passado, já que o açúcar convive em regime de mercado livre há mais tempo, inclusive com seus volumes sendo negociados por contratos na BM&F.

O problema que se avizinha neste momento de transição diz respeito à liberação do preço do álcool hidratado, prevista para maio do próximo ano, em função da sua competição com a gasolina. O governo deve definir uma política energética que possibilite a convivência da agroenergia com os derivados do petróleo – uma das grandes preocupações dos produtores deste combustível alternativo – além de procurar soluções tributárias que possam incentivar o produtor, tais como estímulos e/ou criação do imposto verde.

Um projeto de lei a ser votado pelo Senado até 15 de novembro corrente, relativo à adição do álcool ao óleo diesel, virá beneficiar tanto o setor como o meio ambiente, já que a adição de até 15% de álcool ao diesel equivalerá aproximadamente a um consumo adicional de 4,5 bilhões de litros de álcool, incentivando o aumento da capacidade produtiva, através da ampliação da atual capacidade instalada ou pela implantação de novas unidades industriais.

Outro ponto preocupante para os produtores diz respeito à liberação do preço da cana-de-açúcar, que poderá mudar o cenário da relação fornecedor de cana/produtor de açúcar e álcool. Torna-se indispensável que governo e produtores encontrem uma solução de consenso para a remuneração dos fornecedores de cana, de forma a manter o necessário equilíbrio técnico-econômico do setor.

Equacionados tais problemas, o setor sucroalcooleiro tem amplas condições de atender aos mercados de seus produtos, sejam eles internos ou externos como o Mercosul, Alca ou da União Européia, haja vista a capacidade competitiva do setor, que tem custos de produção menores do que os obtidos por nossos competidores, além de poder, ainda, obter ganhos de eficiência, tanto agrícolas como industriais.

E-mail: villa@fgv.br

